 DOI: 10.47595/cjsiurj.v6i1.176

BRINCAR COMO ELEMENTO IDENTITÁRIO DE DIREITOS HUMANOS E DIREITOS DA CRIANÇA: UM ESTUDO COM CRIANÇAS QUILOMBOLAS DE PAU FURADO EM SALVATERRA, PA

PLAYING AS AN IDENTITY ELEMENT OF HUMAN RIGHTS AND CHILDREN'S RIGHTS: A STUDY WITH QUILOMBO CHILDREN FROM PAU FURADO IN SALVATERRA, PA

Ana D'Arc Martins de Azevedo[1]
Olívia de Carvalho[2]

Resumo: Esta pesquisa pós doc. que foi realizada no ano de 2024 do tipo de campo Estudo de Caso de abordagem qualitativa, aconteceu no Quilombo de Pau Furado, situado na Ilha do Marajó, Salvaterra, Pará, Brasil. A pergunta problema de pesquisa é: Como ocorre o brincar da criança como elemento de inclusão na defesa dos direitos humanos, que especificamente nesta pesquisa delimita o estudo com crianças quilombolas que estudam nas séries iniciais do ensino fundamental da Educação Básica no Quilombo Pau Furado, Ilha do Marajó, Salvaterra, Pará, Brasil? Em destaque, os objetivos específicos: Caracterizar as brincadeiras que fazem interlocuções com a ancestralidade de Pau Furado e analisar as brincadeiras de crianças quilombolas, expressas em desenhos feitos por elas. Na metodologia, os instrumentos aplicados durante a coleta de dados foram: entrevistas abertas e oficina. Os participantes foram: 2 professores; 3 moradoras e 11 crianças em idade escolar nas séries iniciais do ensino fundamental da Educação Básica. Aspectos éticos considerados: a preservação do anonimato dos participantes e a autorização prévia dos responsáveis das crianças que participaram da pesquisa. Os resultados sinalizam que o brincar da criança como elemento de inclusão na defesa dos direitos humanos é processo que dialoga e converge para esta pesquisa realizada no Quilombo de Pau Furado, Ilha do Marajó, Pará, Brasil, admitindo um ambiente quilombola de validação e de consolidação, nos quais as crianças manifestam atitudes, aprendizados, invenção, confiança, afetos, conflitos num cenário de memórias ancestrais, por meio de um currículo ressignificado para novos paradigmas de identidade quilombola.

Palavras-chave: Brincadeiras; Crianças; Quilombolas.

[1] Pós Doutora em Direitos Humanos pela Universidade Portucalense (Porto/Portugal). Doutora em Educação/Currículo pela PUC/SP. Professora do Programa Stricto Sensu em Comunicação, Linguagens e Culturas e do Programa Mestrado Profissional em Gestão de Conhecimentos para o Desenvolvimento Socioambiental da UNAMA. Coordenadora e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa "Saberes e Práticas Educativas de Populações Quilombolas" - EDUQ/UEPA e do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Diversidade e Inclusão - GEPIDI/UNAMA.
Orcid: http://orcid.org/0000-0003-4240-9579
E-mail: azevedoanadarc@gmail.com

[2] Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica e da Saúde, membro efetivo da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP). Docente do Ensino Superior. Investigadora Integrada: Instituto Jurídico Portucalense - Centro de Investigação – IJP, Universidade Portucalense. Investigadora Colaboradora: Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade – CEPESE. Investigadora Colaboradora: do Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação - CIDI – IEES - Instituto Europeu de Estudos Superiores. ORCID: 0000-0002-6968-5277 Ciência ID FA19-7B5C-E2F3 Oliviadecarvalho@upt.pt

Abstract: This post-doctoral research, which was carried out in 2024, is a field study case study with a qualitative approach. It took place in the Quilombo de Pau Furado, located on Marajó Island, Salvaterra, Pará, Brazil. The research question is: How does children's play occur as an element of inclusion in the defense of human rights, which specifically in this research delimits the study with quilombola children who study in the initial grades of elementary school in the Quilombo Pau Furado, Marajó Island, Salvaterra, Pará, Brazil? The specific objectives are highlighted: To characterize the games that make interlocutions with the ancestry of Pau Furado and to analyze the games of quilombola children, expressed in drawings made by them. In the methodology, the instruments applied during data collection were: open interviews and a workshop. The participants were: 2 teachers; 3 residents and 11 school-age children in the initial grades of elementary school in Basic Education. Ethical aspects considered: preservation of the anonymity of the participants and prior authorization from the guardians of the children who participated in the research. The results indicate that children's play as an element of inclusion in the defense of human rights is a process that dialogues and converges with this research carried out in Quilombo de Pau Furado, Marajó Island, Pará, Brazil, admitting a quilombola environment of validation and consolidation, in which children manifest attitudes, learning, invention, trust, affections, conflicts in a scenario of ancestral memories, through a curriculum reinterpreted for new paradigms of quilombola identity.

Keywords: Games; Children; Quilombolas.

Introdução

Pelo entendimento que esta pesquisa realizada por ocasião do curso pós doc., no ano de 2024, traz o brincar como elemento de inclusão na defesa de direitos humanos, especificamente nesta pesquisa, crianças quilombolas de Pau Furado, localizado na região da Ilha do Marajó em Salvaterra no estado do Pará, Brasil, o tema da pesquisa insere-se no mundo da brincadeira em microssociedades e em organizações sociais, e que essas ações são:

> Selecionadas e organizadas pelas próprias crianças sem a intervenção do adulto; portanto, quando se pretende incorporar às atividades organizadas pelos professores no ambiente escolar ou em outros contextos, a ação lúdica é um pouco complicada, pois existem muitas variantes possíveis do mesmo jogo, bem como as regras que os governam, portanto que devemos agir com muito cuidado em caso de tentar "revitalizar" alguns deles (Gracia, 2018, p. 131).

Essa intencionalidade de demarcação da infância multifacetada, advém ao logo da história, por meio de uma "forma de representação, uma construção social, que se firmou ao longo da história como meio de atribuir à criança cuidados diferenciados e educação, separando as crianças do mundo dos adultos" (Santos; Molina, 2019, p. 190).

O cuidado atribuído pelo adulto com a criança é histórico e habitual, enquanto forma de controlar e determinar caminhos expressos pelos adultos que cercam essas crianças em suas infâncias. Infância, que atualmente tem relação com aspectos culturais locais, admitindo que a criança não é mais um sujeito em miniatura, mas personifica saberes de vida em consonância com o contexto em que está situada dotada de particularidades do mundo infantil.

E como a criança lida com a ação lúdica quando é envolvida por regras e lógicas pensadas pelo adulto? Supõe-se que nessa "invasão" do adulto no ato de brincar pode "mascarar" os processos formativos das crianças. Essa atenção, enquanto tentativa de não interferir nas brincadeiras dessas crianças, possibilita que os aspectos locais em que estas estão inseridas não se "apaguem" das memórias dos agentes sociais. Para isso, requerem brincadeiras que aconteçam em espaços livres e distantes de regras. Gracia (2018, p. 131-2) considera quanto a isso:

> Em geral, a prática ou execução da maioria desses jogos é limitada às ruas com pouco tráfego, parques e terrenos baldios, durante o horário extracurricular ou nos finais de semana. Contudo, existe uma presença apreciável nos pátios das escolas durante os intervalos das aulas ou nas salas de aula quando alguma causa permanece nelas sem receber aulas; refiro-me, a título de exemplo, à ampla gama de jogos desenvolvidos em papel ou com a ajuda deste, bem como àqueles que incluem fios ou palmas, geralmente praticados por crianças de ambos os sexos.

O autor afirma que nos ambientes onde manifestam-se brincadeiras longe dos olhares dos adultos, fluem diversas fantasias e desejos subjacentes na imaginação das crianças, que num ato de liberdade "não vigiada" são desveladas e reveladas brincadeiras significativas de contextos particulares e internacionalizadas pelo processo criativo e lúdico das crianças.

Assim, o tema justifica-se por possibilitar o brincar de crianças em quilombos como elemento de inclusão na defesa de direitos humanos, admitindo que existem pessoas, enquanto sujeitos ativos, capazes de constituir-se "nas suas relações intersubjetivas, sociais e históricas" (Oliveira, 2004, p. 119).

É processo que se organiza na relação estabelecida com o outro, que no caso da pesquisa, propõe se voltar para brincadeiras de crianças quilombolas, considerando que essa temática se constitui, como possibilidade de investigação que o lúdico é processo que revela manifestações identitárias de saberes culturais em ambientes quilombolas.

Esses ambientes em Quilombos são peculiares e definidos, escolhidos pelas crianças no grupo, como por exemplo: "jogar no campinho", "jogar no igarapé[3]", "jogar na quadra", "jogar no quintal", subjazem emoções e fantasias que advêm de sensações e desejos formadas no processo identitário de crianças sem a interferência do adulto. É considerar que:

> O brincar envolve o exercício da autonomia, atividade física, mental ou emocional, e tem o potencial de assumir infinitas formas, quer em grupo quer sozinho. Estas formas irão mudar e serão adaptadas ao longo da

[3] Significa que é o braço de um rio, muito comum em Quilombos na Amazônia.

> infância. As principais características do brincar são a diversão, a incerteza, o desafio, a flexibilidade e a não-produtividade (Nações Unidas, 2013, p. 18).

Educação de Qualidade e Paz, Justiça e Instituições Eficazes estão contemplados nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS (Organização das Nações Unidas, 2015), e justificam também nesta pesquisa, pontuando que o brincar e o pertencimento identitário são processos sociais que estão implícitos e explícitos, nos quais a criança manifesta atitudes, aprendizados, invenção, confiança, afetos, conflitos pelo contexto da educação com qualidade.

Esse objetivo da ODS que prima por uma Educação de qualidade e paz perpassa por um cenário de sonhos e imaginação no processo de vivências no ato de brincar. Se desenvolve um ambiente livre que a criança cria de forma plena e capaz, uma vez que o ato de brincar se configura arraigado na sua própria história de vida e de visão de mundo. São brincadeiras de crianças quilombolas que ocorrem, a partir das suas vivências sociais, históricas e culturais que acontecem no cotidiano dos Quilombos. Essas brincadeiras representam as suas histórias de vida que perpassam pelo passado e presente dos contextos identitários étnico-raciais dos Quilombos vividos por essas crianças.

1 O Método

1.1 Questão da Investigação

A questão da pesquisa pontua: De que maneira ocorre o brincar como elemento de inclusão na defesa de direitos humanos de crianças quilombolas em idade escolar do ensino fundamental menor de Pau Furado em Salvaterra, PA?

1.2 Objetivos

Como objetivo geral consiste compreender o brincar como elemento de inclusão na defesa de direitos humanos de crianças quilombolas em idade escolar do ensino fundamental menor de Pau Furado em Salvaterra, PA. E como objetivos específicos: Caracterizar as brincadeiras que fazem interlocuções com a ancestralidade de Pau Furado e analisar as brincadeiras de crianças quilombolas, expressas em desenhos feitos por elas.

1.3 Participantes da Pesquisa

Esta pesquisa denominada de Campo do tipo Estudo de Caso de abordagem qualitativa considerou o percurso metodológico construído em três principais etapas:

revisão bibliográfica; pesquisa de campo com o uso de observação direta e entrevistas narrativas; o uso e o estudo da literatura. Na fase inicial dessa pesquisa ocorreram estudos bibliográficos, a partir de materiais que dissertam sobre o tema com livros, artigos, dissertações, teses, revistas, sites de internet, etc., significou perceber múltiplos significados apresentados pelos participantes, no que se refere às suas atitudes e interações, o que decorre aí, elementos de subjetividade e de investigação inerentes durante a investigação.

Envolveu aspectos da literatura que estão relacionados com o tema, com o contexto a ser investigado, com a entrevista aberta pela narrativa descritiva com 2 professores e 3 moradoras, e 1 oficina realizada com 11 crianças, no intuito de coletar informações e opiniões dos participantes pesquisados, buscando atuar de maneira cooperativa e compartilhada com os pesquisados.

Ao considerar estas opções para compreensão e esclarecimento da problemática da pesquisa, este estudo de abordagem qualitativa reflete uma interação dialógica entre quem investiga e os sujeitos, numa ação recíproca de ideias que se interpenetram nessa relação.

1.4 Local da Pesquisa

Sobre o Quilombo pesquisado, destacamos que o Quilombo Pau Furado conta com aproximadamente 86 famílias que vivem basicamente do extrativismo, pesca, agricultura familiar e produção de farinha de mandioca. Está situado na Ilha do Marajó no município de Salvaterra, Pará, Brasil. A viagem para o Quilombo, dura em média 3 horas, saindo da cidade de Belém, capital do estado do Pará. O transporte utilizado é um barco moderno e com boas acomodações.

1.5 Análise dos Dados

A análise dos dados da pesquisa deu-se por meio da compreensão bioecológica do desenvolvimento humano que propõe a contemplação de um esquema de quatro aspectos inter-relacionais para o entendimento do desenvolvimento humano: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo, considerando o brincar das crianças quilombolas, o que levou em consideração a totalidade dos resultados, por meio do entrecruzamento desses resultados, evitando, com isso a fragmentação dos dados, uma vez que o método da pesquisa, é o método que não permite a ruptura de elementos pesquisados, mas o diálogo denso e permanente do que se coletou. Esse esquema tem como autoria o pesquisador

Bronfenbrenner, nasceu em Moscou (Rússia), em 1917 (Assis; Moreira; Fornasier, 2021, p. 3).

1.6 Aspectos éticos

Os aspectos éticos levaram em consideração o anonimato de seus nomes e assinaturas, bem como assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE. As imagens e fotografias também foram analisadas, no sentido de preservar os rostos das crianças.

2 Revisão de Literatura

2.1 O Brincar, Identidade, Direitos Humanos e Direitos da Criança em Quilombos

O brincar é elemento identitário de direitos humanos e direitos da criança. É o que preconiza na Declaração Universal dos Direitos da Criança no Princípio VII (1959) assegura: "A criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras os quais deverão estar dirigidos para educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício deste direito".

Esse princípio legal se articula com o ato de brincar como momento que subjaz à infância, e que, portanto, é uma etapa relevante do ser humano (quando criança) que permite a ludicidade em voga de maneira plena e livre que se manifesta o simbólico pelo imaginário em desdobramento fantasioso de interpretação do mundo, pois "por meio do brinquedo, ela revive de maneira ativa tudo o que sofreu de maneira passiva, modificando um final que lhe foi penoso, consentindo relações que seriam proibidas na vida real" (Rolim, Guerra, Tassigny, 2008).

Gracia (2018) destaca que as brincadeiras (sem o controle do adulto) se configuram distantes de um contexto industrial (bolas, jogos, etc.) e que acontecem em um:

> determinado momento, sem variar sua estrutura física, mas apenas seu conteúdo simbólico, como uma vara, corda ou uma caixa de papelão que, a qualquer momento e de acordo com a imaginação da criança, possa assumir a função de um brinquedo muito estimado, às vezes substituindo outros de fabricação bonita ou confecção artesanal (Gracia, 2018, p. 132).

A imaginação em Vygotsky está relacionada ao processo criativo de forma ativa, pois o brincar fomenta a imaginação quando a criança brinca e se movimenta. Aspectos

cognitivos e afetivos que vão além da realidade pela imaginação provocada pelo ato de brincar (Rolim, Guerra, Tassigny, 2008).

A brincadeira se articula com a infância, enquanto fase que representa uma construção necessária para demarcar no mundo do adulto, aspectos identitários de características peculiares, que por ora também é rotulada por evoluções biológicas e comportamentais. O que significa: "Ação de brincar, divertimento. / Gracejo, zombaria. / Festinha entre amigos ou parentes. / Qualquer coisa que se faz por imprudência ou leviandade e que custa mais do que se esperava: aquela brincadeira custou-me caro" (Bertoldo; Ruschel, s/d, p. 01).

Significa possibilitar para essas crianças, a sua visão de mundo com autonomia, a fim de se estabelecer no ato de pensar a criatividade, por meio de processos sociais que facilitam a relação com o mundo de maneira mais independente e crítica. Dessa forma, não ocorrem controles e interferências de regras e normas no ato de tomar decisões (Freire, 1987), que conforme preconiza a Declaração de Direitos Humanos no artigo 27: "Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam" (Declaração dos Direitos Humanos, 1948).

Tomar parte livremente na vida cultural é ponto que se destaca nessa pesquisa, quando as discussões teóricas aproximadas ao mundo de brincadeiras em Quilombos, ratifica o ato de brincar de crianças no diálogo com a cultura, com a história, e com a construção de suas identidades e ancestralidades.

Identidades que se expandem e se movem como criação social e cultural, então, por meio de atos de linguagem; é uma relação social sujeita às relações de poder, a fim de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais, que: "reflete um discurso multíplice e é reeditada e (re)definida pelo grupo social ao qual se vincula e aos *campos sociais* nos quais circula transversalmente por disposições produzidas e, não raras vezes, confirmadas pelos *agentes sociais"* (Coelho, 2006, p. 53).

Nesse campo identitário intercultural no ato de brincar, entende-se que o brincar de crianças quilombolas, desenvolve-se em lugares de áreas livres, de festividades religiosas e educativas, de recreios em escolas, de concentrações de crianças nas frentes de suas casas, pressupõem que ações lúdicas infantis que se apresentam com linguagens, emoções, estéticas, performances, regras, memórias e sentidos diferenciados, este tema desta pesquisa se insere no artigo 29 da Convenção dos Direitos da Criança, quando diz que se deve incluir na criança, o respeito pela sua própria identidade cultural.

A interculturalidade no ato de brincar, tende a ficar mais próximos do trato positivo da diversidade humana, cultural e social, pois a experiência da diversidade faz parte dos processos de socialização, de humanização e de desumanização, associados aos objetivos e a função social, significa valorizar na criança a construção política, histórica e social. O que pressupõe trilhar em caminhos que apresentam perspectivas de uma cultura atuante e participativa, por meio de atitudes que saem do protagonismo e adentra a alteridade, pela:

> Necessidade de aprender a vê-la como sujeito agente de suas brincadeiras, expressões, movimentos, linguagens – pessoa compositora de espaço, tempo, história e brilho próprio nos olhos. Firmamos aqui a premência de compreendê-la melhor, a partir da sua infância, seus modos de aprender, ser e viver (Lima; Ribeiro; Valiengo, 2012, p. 68).

Brincadeiras de crianças em quilombos se revestem de características locais que vislumbram manifestações culturais que advogam o respeito e a tolerância de valorização étnico-raciais de brincadeiras vivenciais que expressam a sua própria história e a sua visão de mundo, enquanto resgate de dignidade e de valoração identitária de sua ancestralidade e de história de vida.

Ratifica-se que as brincadeiras de povos tradicionais, de grupos étnicos estão relacionadas ao contexto social, geográfico e histórico local em que essas crianças estão situadas: ribeirinhas, quilombolas, extrativistas, etc. Significa pensar em educação de qualidade, com perspectivas de fomentar processos pedagógicos, em torno do brincar que perpassam por um estado de paz e de felicidade, pautados nos direitos humanos da criança. É uma pesquisa relevante de cunho educacional em diálogo com as realidades vivenciadas nos cenários de brincadeiras e lazer.

No entanto:

> A infância não teve, sempre, ao longo da História o mesmo valor que tem atualmente. As crianças são "inventos" socioculturais relativamente recentes. Durante séculos, as crianças foram consideradas adultos menores; mais frágeis e menos inteligentes. Esta concepção da criança como adulta em miniatura aparece materializada na expressão artística. Até ao século XII aparece assim representada nas artes plásticas (Carvalho, 2011, p. 23).

O olhar nesta pesquisa sobre as brincadeiras de crianças quilombolas propôs que essas brincadeiras fossem coletadas em campo de uma maneira autêntica e de autoria das próprias crianças; distante de normas e controles do adulto. O brincar de crianças, enquanto autores e autoras de suas próprias brincadeiras. É: "Um indicativo revelador de culturas, sua análise permitirá ou não que os traços culturais da sociedade em questão

sejam evidenciados. Sendo a criança sujeito cultural, o seu brinquedo tem as marcas do real e do imaginário vividos por ela" (Flores, 2007, p. 03).

São práticas sociais de brincadeiras singularizadas por elementos imaginativos e autorais de natureza identitária para subsidiar a sua leitura de mundo, de forma crítica e autônoma que podem contribuir para uma melhor inserção no mundo do adulto, pois essas brincadeiras têm uma ligação com a sua cotidianidade nesses espaços, pois surgem brincadeiras ligadas aos processos sociais que circundam a sua realidade de crianças em contextos tradicionais.

A seguir, as seções apresentam a interlocução de brincadeiras de crianças em quilombos e a sua relação como elemento de inclusão na defesa de direitos humanos para essas comunidades tradicionais.

3 Apresentação dos Resultados

3.1 As brincadeiras que fazem interlocução com a ancestralidade de Pau Furado

As brincadeiras que fazem interlocução com a ancestralidade de Pau Furado estão organizadas por entrevistas realizadas com 2 professores (P1 e P2) e 3 moradoras (M1, M2 e M3).

3.1.1 Entrevistas a Professores

3.1.1.1 O Professor (P1)

O P1 é formado em Ciências Naturais com habilitação em Biologia. Ressalta que a sua formação escolar exigiu muita força de vontade. Pois às vezes, não almoçava em casa. Isso aconteceu durante três anos. Cursou também Educação Física.

Sobre as brincadeiras que fazem interlocução com a ancestralidade de Pau Furado, P1 diz que como professor, faz diagnose com os seus alunos. Procura saber quais os gostos musicais, os gostos de brincadeira, qual é o tom de pele que eles têm. Assim, os alunos fazem relatos de suas brincadeiras.

Como professor quilombola que nasceu em Pau Furado, P1 cita a brincadeira *Burrica*. É um brincar que simula a gangorra que tem nas praças da cidade. Na burrica você pega um pedaço de um vegetal, bambu. É um vegetal oco dividido quase que meio a meio, só que não pode ser meio a meio, porque tem um lado que é mais grosso e mais pesado. Se faz um furo e coloca-se em cima de um pau fixo para ficar como gangorra de

forma giratória. É uma brincadeira ancestral. Atualmente, não mais utilizada de maneira frequente. O P1 diz que procura trazer essa brincadeira para a escola.

Figura 1: Foto similar a Burrica.



Fonte: Gangorra-2020-AugustoLeal-1_0002_Camada-0.jpg (1280×720) Acesso dia 10/09/2024

O P1 destaca uma outra brincadeira conhecida como *Escravo de Jó.* Diz que a sua filha gosta muito dessa brincadeira, bem como os seus alunos. Aborda que essa brincadeira consiste em movimentos sincronizados, por meio de uma música que faz referência a movimentos de dança, que consiste jogar e pegar objetos enquanto se movimenta em círculo.

Destaca também brincadeiras específicas que são *as mães, como: a mãe-pira-se-esconde, a mãe-pira-pega, a mãe-pira-ajuda, a mãe-pira-cola, etc.* O P1 diz que gostaria de saber sobre esse conceito. um pouco desse histórico, pois são brincadeiras com conceitos de ancestralidade. Geralmente, essas brincadeiras consistem em se esconder atrás de uma árvore, da casa, de algo que dê para se esconder. E aí, no início, há uma pequena regra: A mãe tem que achar todos, ou o primeiro que ela achar vai ser a mãe.

P1 entende que essas brincadeiras de origem ancestrais estão se perdendo, pois, outras brincadeiras estão chegando nos Quilombos. As brincadeiras livres não são mais como antigamente. As tecnologias ocupando espaços, como a televisão e o celular. As crianças não estão mais motivadas.

3.1.1.2 A Professora (P2)

A P2 é moradora do Quilombo de Pau Furado, tem atuação significativa em Pau Furado, por meio da escola e do Museu de Saberes. Ela diz que a sua infância no campo das brincadeiras. teve uma infância, uma infância maravilhosa. Retrata e recorda o quintal de sua avó que brincava com seus tios e primas.

Fala que de todas as brincadeiras da época: mãe pira-se-esconde, brincadeira de roda, de boneca que fazia da espiga de milho, de garrafas plásticas e de garrafa de desodorante. Na época de Natal, que vinham as pessoas de fora e davam um brinquedo. E torcia para chegar essa data, porque seus pais não tinham condições de comprar. Seus pais colocavam esses brinquedos sob rede para dizer que era o Papai Noel que deixou a noite. E não dormia para ver o Papai Noel chegar. E até que, uma hora, o sono nos roubava. E era quando os pais colocavam esse brinquedo debaixo da rede.

Geralmente, isso era na casa de sua avó, no Quilombo Pau Furado. Ela diz que faziam casinha de palha nos quintais. Cada uma das crianças tinha a sua casa, significando ser vizinho um do outro. Brincavam também de comidinha. Utilizavam mangas e bananas para simbolizar carne que eram colocadas em vasilhas, em tampas de desodorante como panela.

A P2 diz que as brincadeiras eram de roda, de amarelinha, de pular corda, polícia e ladrão. Também utilizavam rodas de bicicletas velhas que colocavam uma varinha e iam empurrando como se fosse um carro. Também se dobrava um saco em garrafas para puxar e fazer barulho. Ela diz que essas brincadeiras eram brincadeiras antigas. Também havia brincadeira de queimada, de taco. Subiam em árvores. Fala também da brincadeira de burrica.

Prossegue dizendo da relação das brincadeiras com a ancestralidade de seus avós e pais: adivinhações, rodas de conversa, a fim de contar historinhas. Essas brincadeiras aconteciam sob as árvores de Pau Furado. Diz que brincavam de noite. Também o jogo dominó e baralho eram presentes em casa de seus avós, em casa de farinha, na beira de campo de futebol. Também as ladainhas eram presentes nessas reuniões regadas a muita comida e risadas. P2 diz que a sua avó teve 18 filhos, fato que os netos nas férias iam para casa dos avós.

O igarapé também fazia parte das brincadeiras, a fim de pescar peixinhos para depois cozinhar ou assar: "o vovô ia para o Igarapé com uma cuia imensa para pescar. E a minha avó fritava. Ou assava na palha da banana para a gente comer. E todo mundo ficava feliz. Mas, nesse momento, as histórias eram contadas" (Entrevista com a P2. Dia 5/08/2024).

Diz que o seu avô contou uma vez sobre as lendas do lugar. Uma delas é sobre uma mulher de roupas branca aparecer no Quilombo. Essa mulher nunca falava nada. Isso assustava. Sempre aparecia numa árvore de mangueira e numa tapera (ela explica que é um lugar sagrado e antigo).

A P2 fala de uma lanterna chamada poronga que significa uma lata que abriam no meio e colocavam a lanterna dentro. Isso servia de poronga. E nessa noite, essa mulher, bateu no chapéu de palha de seu avô que disse para a mulher que não estava mexendo com ela, dizendo: fique sossegada que eu não estou, não vou atrapalhar você e não me atrapalhe" (Entrevista com a P2 dia 5/08/2024). Ela diz que nesse dia seu avô ficou com medo da mulher. Ele falou que o corpo dele se arrepiou todo, a mulher estava toda de branco. História que causou medo nas crianças.

Também o avô da P2 dizia que ninguém podia tomar banho de igarapé em determinadas horas, seis horas da tarde, meio-dia, alegando que todo lugar tem o seu dono, tem a sua mãe, tem uma proteção. Então, esses horários são para o descanso. E se houver perturbação, algo pode acontecer. Porque o lugar é deles, dos antepassados. "Nós chegamos depois, então precisamos respeitar" (Entrevista com a P2 dia 5/08/2024. Histórias que foram repassando de geração em geração.

Essas histórias significam o respeito pelos lugares sagrados, pois fazem parte da história ancestral, da eternidade, pois ela diz que não sabe quem habitou antes. Histórias contadas pelos pais. Essa tradição percebe que mudou, pois antigamente a ida ao igarapé era proibido irem homens e mulheres juntos.

Para destacar as brincadeiras no contexto da ancestralidade de Pau Furado, cabe abordar sobre o significado da origem do nome. Ela diz:

> Antes o Quilombo era chamado de Matupirituba. É o Igarapé que atravessa bem no meio da comunidade do Quilombo. Era chamado há 100 anos atrás. É um cálculo que faço de 100 anos porque o meu avô morreu com 83 anos e já existia. Então, meu avô tem 28 anos falecido. Então, penso que Pau Furado nasceu nesse período. Antigamente, quando nascia uma criança na comunidade, as parteiras que diziam se era homem, se era mulher. E quando nascia uma criança na comunidade, a família, o pai ou alguém da família soltava 2 foguetes para o nascimento do sexo masculino. Se fosse 1 foguete era do sexo feminino. Mas, num dia não havia foguete, utilizaram espingarda e deu um tiro, e esse tiro pegou numa árvore oca e ficou um rombo, um buraco bem no meio dela. Daí o nome Pau Furado.

Sobre as brincadeiras atualmente, a P2 diz que as brincadeiras antigas estão sendo substituídas por joguinhos eletrônicos presentes nos celulares. Também nos recreios das crianças, observa o futebol como brincadeira principal. Reforça sobre a importância de se manter a tradição ancestral nas brincadeiras em Pau Furado. Deixarem um pouco a tecnologia, o telefone, etc.

3.1.2 Entrevistas a Moradores

3.1.2.1 A Moradora (M1)

A M1 é moradora de Pau Furado. Tem 5 filhos. Tem 32 anos. Ela diz que brincava de amarelinha, de queimada, de mãe pira se esconde, de mãe pira-pega, de bandeirinha, de taco, de bolinhas de gude. São brincadeiras que brincava quando tinha 8 anos.

Sobre brincadeiras relacionadas com a história dos seus avós, bisavós e ancestrais diz que era a brincadeira mãe pira se esconde que brincava com seus irmãos mais velhos. A sua mãe também brincava com eles. Destaca que o futebol acontecia dentro da comunidade. Não tinha ainda essas arenas que hoje existem na comunidade, mas campinhos existindo sempre nos quintais das casas. Diz que isso chamava muita atenção, enquanto criança.

Perguntado sobre as brincadeiras que observa entre seus filhos. Ela diz que eles brincam na frente da sua casa e na escola. Observa que a brincadeira mãe pira se esconde ainda acontece, bem como a amarelinha e a bandeirinha.

Diz que as brincadeiras antigas estão acabando. Fala também da burrica como uma das brincadeiras mais antigas de Pau furado dizendo que se colocava na burrica, por exemplo, dez crianças para um lado, dez crianças para o outro, em cima de um pau. E o último que se sentasse ficava rodando. Essa brincadeira eles já não fazem mais hoje. Ela diz: "Eu achava muito interessante, eu gostava dessa brincadeira. Aliás, todos nós, porque era um número muito pouco de criança. Era tudo vizinho, um do ladinho do outro. As casas também eram bem pouquinhas" (Entrevista com a M1 dia 6/08/2024).

Termina a entrevista destacando que gostaria que as brincadeiras de antigamente continuassem, pois atualmente, as crianças utilizam brinquedos eletrônicos.

3.1.2.2 A Moradora (M2)

A M2 tem 47 anos. Diz que quando era criança brincava de bandeirinha, de queimada, de mãe se esconde, de mãe pira-pega. Brincava no quintal de sua casa com as coleguinhas. Na escola brincava de queimada, de ensaiar uma dança chamada quadrilha.

3.1.2.3 A Moradora (M3)

A M3 tem 80 anos. Diz que brincava dentro de sua casa. Não brincava fora dela, pois: "a minha mãe não deixava eu sair de casa para brincar" (Entrevista com a M3 dia 6/08/2024).

Fala que em casa brincava de boneca que fazia de pano, ou de cacho de açaí. Algumas coleguinhas iam brincar com a M3. O imaginário tomava conta nessas brincadeiras, imaginando comidas feitas de plantas, roupas que eram feitas de sobras de pano da mãe para utilizar nas bonecas. Outra brincadeira que destaca era a dança do boi e que a M3 era a sinhazinha na dança. Diz que gostava muito da dança.

Os 5 entrevistados sobre as brincadeiras e a relação com a ancestralidade trazem um cenário bem diverso nas falas, pois o brincar como elemento de inclusão na defesa de direitos humanos em quilombos é movimento que admite, "a transição entre cada um desses ambientes e a qualidade relacional estabelecida influenciarão o trajeto desenvolvimental" (Assis; Moreira; Fornasier, 2021, p. 5), no sentido que o brincar em Pau Furado se ressignifica e evolui ao longo de sua história.

O brincar ressignificado é transicional de forma relacional de acordo com o desenvolvimento histórico-cultural que vai desenhando, principalmente com a chegada dos brinquedos eletrônicos no Quilombo. Uma vez que "o desenvolvimento social da criança sofre forte influência do brincar. Na infância, a brincadeira representa um meio de interação com o mundo, favorecendo descobertas que são essenciais para o desenvolvimento pessoal e social" (Assis; Moreira; Fornasier, 2021, p. 7).

A pesquisa corrobora o brincar como elemento de inclusão na defesa de direitos humanos em Pau Furado, como necessidade da criança seja na escola ou fora dela. São situações de brincadeiras que a criança se desenvolve pela influência delas, que vivencia pelas suas memórias e vivências. É processo evolutivo e relacional que se admite que:

> O brincar relaciona-se ainda com a aprendizagem. Brincar é aprender; na brincadeira, reside a base daquilo que, mais tarde, permitirá à criança aprendizagens mais elaboradas. O lúdico torna-se, assim, uma proposta educacional para o enfrentamento das dificuldades no processo ensino-aprendizagem (Rolim, Guerra, Tassigny, 2008, p. 177).

O brincar para inserir no processo ensino-aprendizagem é relevante para contemplar a ludicidade no currículo escolar quilombola como estratégia de ensino. Memórias e vivências que transportam para o fazer educativo no cotidiano escolar. É

elemento fundamental de criatividade que aflora no ato de ensinar e facilita "o aprendizado e ativa a criatividade" (Rolim, Guerra, Tassigny, 2008, p. 177).

3.2 As brincadeiras de crianças quilombolas, expressas em desenhos feitos por elas

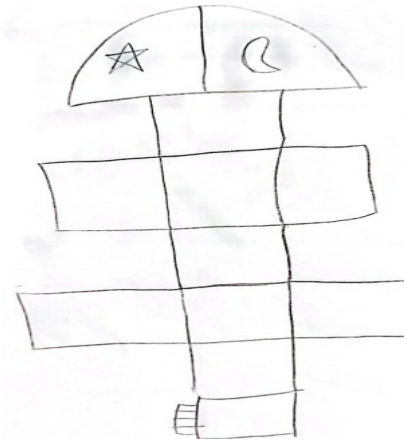
Os desenhos feitos por 11 crianças sobre as brincadeiras realizadas na escola de Pau Furado, são desenhos que representam o seu imaginário sobre o brincar (não foram citados todos os desenhos feitos pelas crianças, tendo em vista a limitação de laudas para a construção deste artigo). Essa atividade foi uma oficina livre sem regras para as crianças fazerem seus desenhos. Preservando o que diz o artigo 19 da Convenção Americana dos Direitos Humanos sobre o direito das crianças: "Toda criança tem direito às medidas de proteção que a sua condição de menor requer por parte da sua família, da sociedade e do Estado" (Organização dos Estados Americanos, 1969).

São desenhos que expressam a coletividade das crianças como forma de realização pessoal como sentido de comunidade que fazem parte de Pau Furado. São algumas brincadeiras que também os 2 professores e as 3 moradoras citam. Aproximar direitos humanos nesta pesquisa é admitir que "apesar de todos os direitos adquiridos, a verdade é que a criança não tem, ainda, ocupado, na nossa sociedade, o lugar que lhe pertence. Parece existir uma visão "romântica" e "idílica" da infância e um menor reconhecimento de que as crianças são atores sociais de pleno direito" (Carvalho, 2011, p. 25).

Segue alguns desenhos feitos por elas, tendo em vista, destacar as brincadeiras mais frequentes que foram desenhadas.

3.2.1 Amarelinha

Desenho feito por 1 criança de 10 anos



Fonte: Arquivo da Autora – Capturada em agosto de 2024

3.2.2 Jogo de futebol

Desenho feito por 1 criança de 11 anos



Fonte: Arquivo da Autora – Capturada em agosto de 2024

3.2.3 Polícia e ladrão

Desenho feito por 1 criança de 10 anos



Fonte: Arquivo da Autora – Capturada em agosto de 2024

3.2.4 Mãe Pira se esconde

Desenho feito por uma criança de 6 anos



Fonte: Arquivo da Autora – Capturada em agosto de 2024

Considerações finais

A pesquisa revela que o ato de brincar de crianças quilombolas, na relação com o contexto social, geográfico e histórico local em que essas crianças estão situadas, se processa pelo imaginário, saberes e vivências singularizadas por relevância social imaginativos de natureza ancestral e contemporânea para subsidiar a sua leitura de mundo de forma crítica e autônoma.

Logo, é validação de inclusão da defesa dos direitos humanos pelo ato de brincar. Brincar que a pesquisa mostra que a tradição está se distanciando de algumas brincadeiras de crianças. Ocorre a ressignificação de brincadeiras, a partir de um contexto social que é muito forte, como as tecnologias presentes em Pau Furado, que faz com que novas brincadeiras apareçam.

Pelos objetivos específicos preconizados, mostram que um novo sentido de brincadeiras ganha espaço, o que significa pensar o brincar em Quilombos como elemento inclusivo na defesa de direitos humanos como possibilidades de novas brincadeiras bem mais adjetivada com elementos identitários do ser quilombola.

A pesquisa mostra que a escola pesquisada oferece oportunidades para as brincadeiras com crianças, diante do espaço bem amplo para o recreio delas. É oportunizar a criatividade que estão presentes nas crianças observadas. São crianças motivadas, felizes, diante das atividades do brincar que ora desenvolvem.

A pesquisa relacionou as brincadeiras tradicionais de contexto ancestral com as brincadeiras atuais, com essa relação é pertinente que as brincadeiras atuais estão conectadas com a chegada da internet em Pau Furado. E que esse movimento, as brincadeiras se ressignificam e tomam sentidos outros bem mais distantes das brincadeiras tradicionais.

Destaca-se que a brincadeira Burrinha é citada nas entrevistas pelos participantes moradoras e professores, mas as crianças ao fazerem a oficina, não falam dessa brincadeira, nem tampouco sabem o que significa. É uma verificação desse distanciamento das brincadeiras tradicionais de contexto ancestral

Para considerar direitos humanos como relevante na relação com as brincadeiras, é pertinente e necessária que o brincar em quilombos seja sempre o direito da criança que eleva a sua autoestima, desperta a criatividade, favorece a coletividade entre as crianças. Isso fomenta o exercício de competências voltadas para valores atitudinais do bem viver em coletividade. São aspectos, que a pesquisa traz como resultado investigativo científico. O brincar e direitos humanos ratifica e valida que é uma via de valorização identitária de inclusão nesse aspecto. O quilombo investigado exercita essa ação, tendo em vista destacar a escola como agente de mudança e palco de vivências e de saberes no campo do brincar em seu currículo escolar.

Essas observações feitas durante a pesquisa, admitem que o currículo escolar da escola de Pau Furado é executado para alcançar competências voltadas para o contexto local que a escola está inserida. Admitem ainda que o lúdico no ato de brincar como elemento de inclusão de direitos humanos, se materializa por um currículo escolar ressignificado de contextos identitários pautados em novos paradigmas de elementos que se aproximam com a chegada da internet em Pau Furado.

Referências

ASSIS, D. C. M. de.; Moreira, L. V. de C.; Fornasier, R. C. (2021). Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner: a influência dos processos proximais no desenvolvimento social das crianças. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, [S. l.],** v. 10, n. 10, p. e582101019263. DOI: 10.33448/rsd-v10i10.19263. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19263. Acesso em: 11 set. 2024.

BERTOLDO, J. V; Ruschel, M. A. de M. (s/d). Laboratório de Brinquedos e Jogos – Coordenador Prof Marcos Teodorico, J.; Revisão Conceitual, E. B.-. U. **Uma Revisão Conceitual.**

COELHO, W. de N. B. (2006). **A cor ausente:** um estudo sobre a presença do negro na formação de professores - Pará, 1970-1989. Belo Horizonte: Mazza Edições; Belém: Editora UNAMA.

CARVALHO, O. de. (2011). **De Pequenino se torce o destino** – O valor da Intervenção Precoce. Porto: Legis Editora.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, *1948.* Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 12 dez. 2024.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA, 1959. Disponível em: declaracao-dos-direitos-da-crianca-1959.pdf. acesso em: 26 jan. 2025.

FLORES, Z. G. de M. (2007). **A Criança em Walter Benjamin e Florestan Fernandes.** ANPED. GT: Educação de Crianças de 0 a 6 anos/ n.07. Caxambu (MG).

FREIRE, P. (1987). **Pedagogia do Oprimido.** 17º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

GRACIA. C. B. S. (2018). **Juegos infantiles populares tradicionales cubanos. artículo original.** pp. 128-151. RNPS: 2222. ISSN: 2075-6038. núm. 24. julio-diciembre.

LIMA, E. A. de; Ribeiro, A. E. M.; Valiengo, (2012). A. Criança, infância e teoria histórico-cultural: convite à reflexão. **Teoria e Prática da Educação***,* v. 15, n. 1, p. 67-77, 7 set.

ROLIM, A. A. M. Guerra, S. S. F. Tassigny, M. M. (2008). Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no. **Revista De Humanidades,** Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul./dez.

NAÇÕES UNIDAS. (2013). **Convenção Sobre os Direitos das Crianças.** Comité dos Direitos da Criança. Comentário Geral N.º 17.

OLIVEIRA, I. A. de. (2004). **Saberes, imaginários e representações na educação especial:** a problemática ética da "diferença" e da exclusão social. Petrópolis, RJ: Vozes.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Os objetivos de desenvolvimento sustentável:** dos ODM aos ODS. Disponível em: http://www.pnud.org.br/ODS.aspx. Acesso em: 12 dez. 2024.

SANTOS, J. D. dos; Molina, A. A. (2019). Infância e História: a criança na Modernidade e na Contemporaneidade. **Revista Travessias.** Cascavel, v. 13, n. 1, jan./abr. Cascavel, Universidade Estadual do Oeste do Paraná.